

## Lembranças de vidas femininas: etnografia de uma rua em Novo Hamburgo/RS/Brasil

Memories of female lives: ethnography of a street in Novo Hamburgo/RS/Brazil

Suzana Vielitz de Oliveira<sup>1</sup>

Claudia Schemes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta um recorte específico, com olhar para a evocação da memória feminina relacionada a um lugar, a Rua General Osório, situada na cidade de Novo Hamburgo/RS/Brasil, que é Corredor Cultural e protegida em legislação municipal como Patrimônio Cultural. A pesquisa faz uso metodológico da etnografia de rua e apresenta as memórias de cinco ex-moradoras com suas lembranças em relação às histórias de vida e de trabalho. Essas mulheres viveram nessa rua nos anos de 1940 até, aproximadamente, 1970 e todas têm vínculos de parentesco entre si e fortes laços com a rua do estudo. O objetivo deste recorte é apresentar o lugar dessas memórias situadas entre a infância, a adolescência e a idade adulta dessas mulheres, enfatizando um momento de suas vidas que se conecta com hábitos de lazer e vida familiar, independência feminina e trabalho.

**Palavras-chave:** memórias femininas; etnografia de rua; história de velhos

**Abstract:** This article presents a specific cut, looking at the evocation of female memory related to a place. The place is Rua General Osório, located in the city of Novo Hamburgo/RS/Brazil, which is also a Cultural Corridor and protected in municipal legislation as Cultural Heritage. This research makes methodological use of street ethnography and presents the memories of five former residents with their memories in relation to their life and work histories. The five women highlighted for this article lived on this street from the 1940s to approximately 1970 and all have kinship ties with each other and strong ties to the study street. The objective of this clipping is to present the place of these memories situated between childhood, adolescence and adulthood of these women, emphasizing a moment in their lives that connects with habits of leisure and family life, female independence and work.

**Keywords:** female memories; street ethnography; old people story

### INTRODUÇÃO

O artigo apresenta um recorte de tempo e de algumas memórias significativas relativas a cinco mulheres que concederam entrevista para a pesquisa etnográfica de uma rua. O estudo tem aporte metodológico na etnografia de duração em sociedades complexas e familiares, conforme Gilberto Velho, em *Individualismo e Cultura* (VELHO, 1987, ed. 2012), e Cornelia Eckert e Ana Luiza Rocha, nas reflexões sobre a antropologia urbana, como a etnografia de rua e a etnografia de duração (1998, 2003, 2011, 2016).

Nessa perspectiva, este artigo apresenta a etnografia como meio e se respalda nos aspectos teóricos em *História de Mulheres* (BASSANEZI & DEL PRIORE, 2004), *Memória e Sociedade - lembrança de Velhos*, de Eclea Bosi (BOSI, 1979), com algumas questões de

---

<sup>1</sup> Mestra em Planejamento Urbano e Regional e doutoranda no Programa de Pós Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS/Brasil)

<sup>2</sup> Doutora em História, professora do Programa de Pós Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS/Brasil)

gênero (BASSANEZI, 2004) e identidade, com Ellen Woortmann (1994) e Regina Abreu (2016).

O lugar em questão é a Rua General Osório, que tem relação com as mulheres entrevistadas desde sempre, uma vez que é onde moraram, também onde nasceram seus pais, sogros e, eventualmente, até os avós. Por sua vez, a rua faz parte do núcleo inicial da cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, e lhes foi legado como herança familiar a partir do primeiro imigrante que gerou a descendência dessas cinco mulheres, que pertencem à quarta geração.

A rua do estudo também integra o Plano Diretor da cidade, o qual protege e preserva um percurso de aproximadamente um quilômetro, enquanto Corredor Cultural, e é, também, merecedora de um ato de tombamento no âmbito estadual - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul, o IPHAE-RS, ato que mais adiante foi revogado pelo mesmo instituto e se encontra desprotegido.

A partir das lembranças dessas mulheres, pode-se entender uma sociedade em determinado tempo e lugar. Sociedade essa que, cabe considerar, está em modificação, apesar dos hábitos anteriores estarem bem fundamentados ainda na cultura alemã. De acordo com Velho (1987, ed. 2012, p. 17-18),

qualquer sociedade [...] vive permanentemente a contradição entre as particularizações de experiências restritas a certos segmentos, categorias, grupos e até indivíduos e a universalização de outras experiências que se expressam culturalmente através de conjuntos de símbolos homogeneizadores - paradigmas, temas, etc.

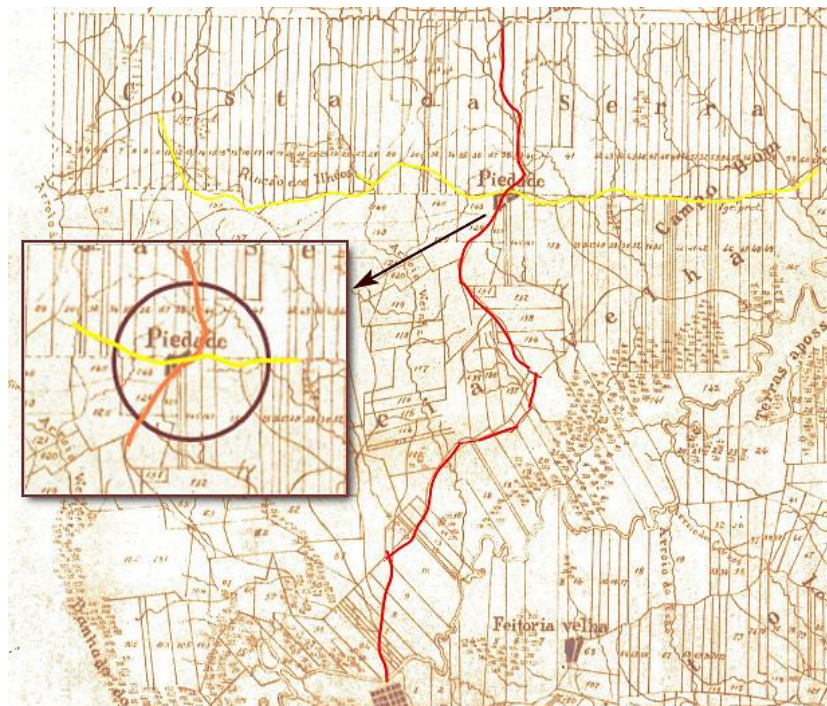
O artigo aborda em cinco tópicos uma amostra social de uma época. Ao apresentar a rua General Osório se conta uma breve história do lugar e o perfil da rua com os marcos referências de suas moradias e relacionando as pessoas envolvidas na rua. O perfil das cinco mulheres, obtido com as entrevistas, apresenta o tópico das suas memórias para depois avançar nas suas identidades, lembranças de vida e de trabalho, relativas ao espaço e ao tempo lembrado - entre 1940 e 1970. O lugar evocado pelas memórias também merece um pequeno tópico, junto as questões de costumes, relacionadas ao universo feminino.

## **A RUA GENERAL OSÓRIO**

A rua General Osório, lugar de estudo da presente pesquisa, tem relação com o início da formação de Novo Hamburgo, cidade que se desenvolve a partir da imigração alemã no sul do Brasil em 1824. A rua General Osório liga o atual centro da cidade com o bairro de Hamburgo Velho, núcleo inicial dessa colonização, e assume parte de um traçado anterior, que ligava a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, às antigas colônias localizadas nas encostas

da Serra Geral. Conforme explicita o mapa da figura 1, que segue, elaborado pelo agrimensor Ernest Müzel, em 1870 (SICG-IPHAN, 2010), já havia ali um pequeno núcleo chamado Piedade. O mapa apresenta as estradas Geral, em vermelho, e das Tropas, em amarelo - parte desse traçado da estrada Geral corresponde à Rua General Osório, onde moraram as entrevistadas deste estudo. A partir dessas estradas, também era possível acessar as glebas dos imigrantes.

**Figura 1: Mapa das Colonias alemãs em 1870.**



Fonte: Müzell (1870) - acervo da Fundação Scheffel, com intervenções das autoras.

Devido à localização estratégica, a Vila Nossa Senhora da capela Curada da Piedade ficava no entroncamento de uma rota comercial que ligava a capital com o interior da província de Porto Alegre. Nesse ponto, havia condições favoráveis para o desenvolvimento do povoado de *Hamburgerberg*, o atual bairro Hamburgo Velho. O povoado foi se tornando próspero e um ponto de intercâmbio de produtos agrícolas, pastoris e manufaturados. De acordo com relato histórico que consta nas fichas do Inventário do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SICG-IPHAN, 2010), várias casas comerciais surgiram nas proximidades e para o local convergiu a vida social dos colonos.

A rua General Osório, palco dessas lembranças, conforme já apresentado, a partir de 2004, também integra o Corredor Cultural de Novo Hamburgo - Hamburgo Velho (NOVO HAMBURGO, 2004). Apesar desse reconhecimento em lei e passadas quase duas décadas, não houve grandes avanços no sentido de políticas públicas para a gestão desse patrimônio e muito

pouco foi discutido com os moradores envolvidos. O referido Plano Diretor (NOVO HAMBURGO, 2004) delimita também o Centro Histórico para Hamburgo Velho, adjacente à referida rua. Em 2014 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE), através de entendimento e pressionado por organizações preservacionistas, iniciou um estudo para instrumentalizar um tombamento conjunto com o IPHAN do Centro Histórico de Hamburgo Velho, instituído pela Lei 1216/2004 (NOVO HAMBURGO, 2004). No ano de 2022, o Plano Diretor de Novo Hamburgo está sendo revisado e devem ocorrer reuniões com a comunidade interessada para definir novos rumos de desenvolvimento urbano. Atualmente tem-se nesse lugar um importante Corredor com edificações preservadas e as áreas adjacentes: um conjunto urbano formado por aproximadamente 70 edificações que fazem parte da área de interesse cultural e com restrições para edificar ou demolir.

No que se refere às mulheres entrevistadas, conforme as suas descendências, esse lugar foi local de residência herdada de seus pais ou avós. No sentido dos itinerários e de acordo com Dubar (1998), essa relação pode ser residencial, matrimonial ou de trajetória escolar, ou seja, o tempo em cada lugar auxilia no entendimento da trajetória social do indivíduo.

DS, MC, WTO e CM, quatro das mulheres entrevistadas<sup>3</sup>, têm origem residencial e familiar na rua do estudo, uma vez que seus avós e bisavós moraram na rua General Osório. ER, a quinta entrevistada, tem relação com o lugar a partir do matrimônio e pela trajetória escolar, pois morava muito próximo, praticamente no mesmo bairro, e utilizava a rua para seu ir e vir. Todas as entrevistas foram gravadas e, depois de transcritas, validadas pelas interlocutoras.

As lembranças de suas memórias transformadas em textos podem ser também apontadas nos perfis de ruas das figuras 2, 3 e 4. O trecho 1 apresenta a morada de DS, no perfil superior, com numeração ímpar, e de WTO e CM, no perfil inferior, cuja numeração é par. As casas de CM e WTO ficavam localizadas em frente ao prédio do clube *Frohsinn*<sup>4</sup>, que, por sua vez, ficava ao lado da casa de DS. Ao ser questionada do porquê foram morar nessa rua, DS diz:

Olha eu acredito porque a gente tinha herança de terra, um terreno ali! Porque nós moramos em Novo Hamburgo, numa casa alugada ao lado da farmácia Hamburguesa, ainda existe a casa, uma casa pequena, e meu pai era dentista, não é! aí ele resolveu construir a casa...já estava ficando pequena na época, aí eu vim para cá e 1940 eu tinha

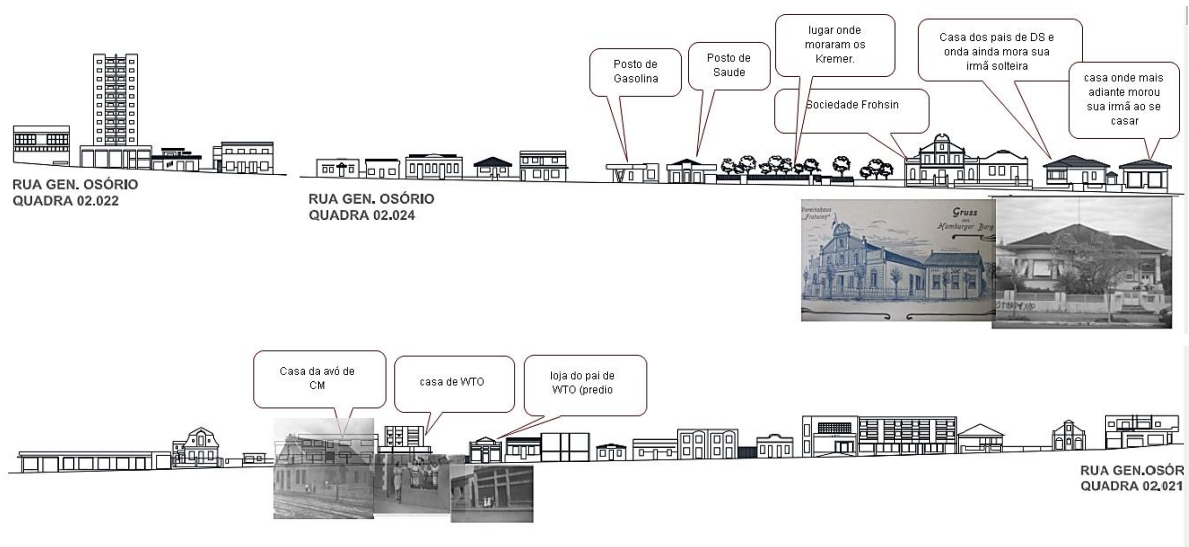
---

3 As letras maiúsculas identificam as entrevistadas que no final deste artigo estão também referenciadas pelas iniciais de seus nomes.

4 *Frohsinn* é uma palavra do idioma alemão que significa alegria ou felicidade. No caso aqui apresentado é a denominação de uma agremiação com 134 anos de existência, fundada em 1888, que congregava os descendentes dos alemães para cantar, jogar bolão e confraternizar. Atualmente o clube se chama Sociedade Aliança de Novo Hamburgo. A antiga sede, onde se concentra este estudo, é propriedade do Grêmio dos Funcionários Municipais de Novo Hamburgo e é tombada pelo Patrimônio Municipal como de interesse em preservar.

6 anos!" E, éramos eu e a Carla com 4 anos, naquele ano então em dezembro que nasceu a MS (sua irmã mais nova)! (DS, set. 2021).

**Figura 2: Trecho 1 - moradias de DS, WTO, CM**



Fonte: Perfil de autoria da arquiteta Marília de Lavras Pinto, 2014 para o IPHAE, com intervenções das autoras, 2022.

WTO conta sobre o lugar onde morou:

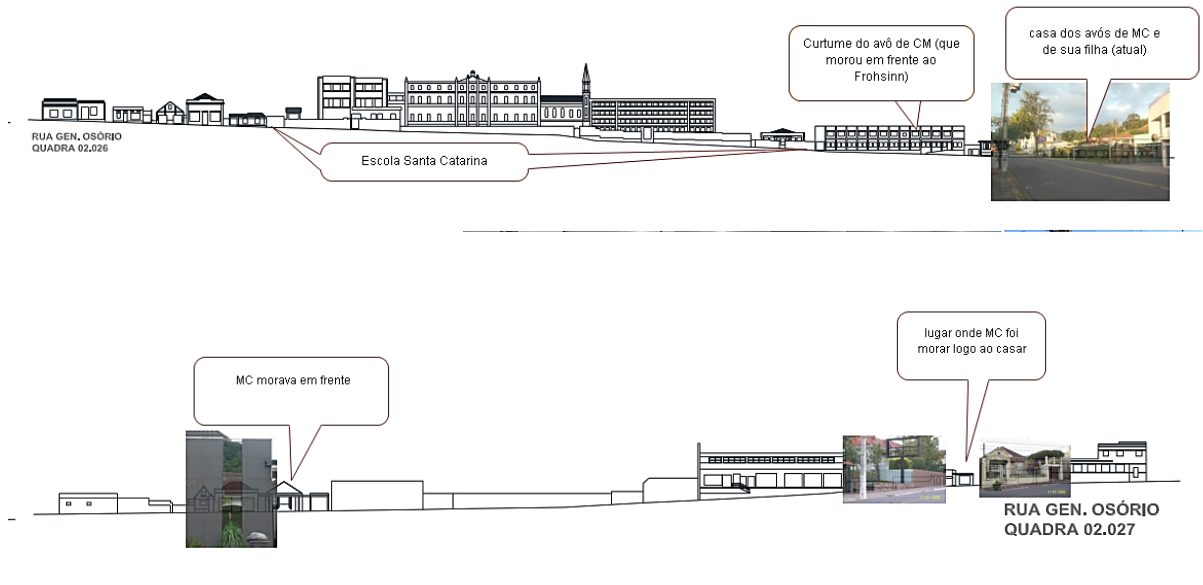
Esta casa, quando meu pai a comprou, já, já tinha sido do meu avô...o pai da minha mãe... e aí depois eu não sei, depois eles... eu achou que aí vendeu pro meu pai, porque achou que meu pai merecia botar, porque meu pai queria botar uma loja, uma casa de negócios, né, então ele achou que ele tinha que ser ali nessa rua e não na vila (Vila Nova). Dai, meus avós foram pra Vila Nova morar, uma outra casa! não sei de quem era a casa, e venderam a casa...e eles venderam a casa onde moravam pro meu pai... (WTO, jul. 2021).

Completando, CM revela por que foram morar com os avós maternos: "E... nós duas nascemos em Porto Alegre no Moinhos de Vento, mas logo viemos aqui, morar com a minha avó, na casa da minha avó que era Paula Engel!" (CM, jul. 2011). E prossegue contando:

...é, na verdade ah, meus pais, né, moraram inicialmente em Porto Alegre, né? Meu pai trabalhava na Renner, no almoxarifado da fábrica do Renner, não nas lojas, (risos) mas quando o meu avô iniciou o curtume, né, junto com os Ludwig, ele precisou de uma pessoa aqui! Para dar uma força, né, pro curtume e meu pai então veio para Novo Hamburgo com a minha mãe e nós praticamente então nascemos aqui, né, aí em Novo Hamburgo! Minha irmã e eu... minha irmã que tem 8 anos mais do que eu! (CM, jul. 2021).

O trecho 2 apresenta as moradias de MC e de seus pais e avós e agora também da sua filha e netos (figura 3).

**Figura 3: Trecho 2 - moradia da família e descendentes de MC**



Fonte: Perfil de autoria da arquiteta Marília de Lavras Pinto, 2014 para o IPHAE, com intervenções das autoras, 2022.

MC, em sua entrevista, relembra: "Eu devo ter nascido naquela casa, não sei! Eu nasci no (hospital) Moinhos de Vento em Porto Alegre, mas depois de lá já fui direto pra casa, na Rua General Osório, hoje, 505! é! Sempre ali! Sim!" (MC, out. 2021). Quando perguntada sobre por que foi morar ali exatamente, ela afirma que a casa era dos avós Becker, seus avós paternos, e relembra: "olha eu não sei quem construiu, mas quem morava ali era a mãe do meu pai, porque eu não conheci o meu avô, ele morreu aos 30 anos! Mas, morreu ali naquela casa, ele morreu ali! Então a casa já...estava lá!" (MC, out. 2021).

O trecho 3, que segue, apresenta o lugar onde ER foi morar quando se casou, em 1962. Essa casa já fora do sogro e é onde havia a casa de seus antepassados, a qual foi demolida para dar lugar a outra nova, que já tem 80 anos (figura 4).

**Figura 4: Trecho 3 - moradia dos antepassados do marido de ER**



Fonte: Perfil de autoria da arquiteta Marília de Lavras Pinto, 2014 para o IPHAE, com intervenções das autoras, 2022.

Durante a entrevista com ER, seu marido finaliza: "Bom, o pai é natural de Porto Alegre. Mas ele conheceu a mãe, num Kerb em Estância Velha. (risos) E aí... seguiu o namoro e depois

do casamento! Por que vieram? Bom ela. Ela, porque o meu avô, né, o pai dela, já morava aqui!” (ER, abr. 2022). A família da avó morava ao lado, na casa que aparece na figura 4 – e a casa que abriga ER sempre foi moradia de seu marido, que morou ali desde que nasceu – ele tem 83 anos!

Enquanto eles lembram o determinismo de suas vidas em virem morar nesse lugar e revivem suas histórias desde o seu nascimento, apoiadas em Abreu (2016), reforça-se que os diferentes jeitos de lembrar podem trazer diferentes dimensões: míticas, cíclicas e lineares. Conforme a autora, "é o fato de que a memória implica em seleções, recortes, delimitações. O pensamento necessita discernimento para se exercer, assim como a imaginação opera com espaços vazios de imagens prévias" (ABREU, 2016, p. 50). As lembranças evocadas, são tão pequenas, seriam lapsos de uma longa vida vivida, porém os aspectos que são trazidos são especiais, aqueles que realmente adquiriram significado e, com isso, produzem emoções e são, de fato, merecedores das memórias. Portanto, ainda de acordo com Abreu (2016, p. 51), "A memória, ao iluminar alguns elementos e apagar outros, é capaz de produzir um sentimento novo, e não apenas fazer reviver o passado como fetiche". Assim, independentemente de ser ou não uma repetição daquilo que foi ouvido, a memória é também criativa e dinâmica, como a vida, a cultura e os lugares.

Nesse sentido, destacam-se os estudos de Velho (1987, ed. 2012), que demonstram o quanto o individualismo aparece na sociedade, uma vez que, "com a nuclearização da família, [...] e os laços entre diferentes famílias nucleares podem criar forma de sociabilidade matizadas" (VELHO, 1987, ed. 2012. p. 47). Nesse viés, salienta-se que a questão dos laços de parentesco é "fundamental para constituição da identidade" (IDEM, 2012, p. 47).

As mulheres entrevistadas que apresentam suas memórias no próximo capítulo, são as jovens dos anos 1950-1960. Essas mulheres sonhavam em trabalhar e ser independentes e também queriam se casar. Algumas delas, se casaram com homens que não pertenciam àquela sociedade e buscaram sua independência financeira, mesmo que fosse “apenas como contribuição”. Os relatos que seguem, não esgotam o assunto, mas as falas se complementam e permitem recriar uma sociedade daquele local.

## **MEMÓRIAS DE MULHERES**

As cinco mulheres entrevistadas estão situadas geograficamente em um mesmo tempo e lugar. O tempo lembrado é a década inicial de suas vidas, de jovens a adultas, enquanto o lugar é uma rua, com pouco menos de um quilômetro, considerada, no momento das entrevistas, Corredor Cultural de Hamburgo Velho - Novo Hamburgo.

De acordo com Eckert e Rocha (2003, p. 2), a etnografia de rua tem como um dos objetivos conhecer uma cidade e apropriar-se de uma parte desse conhecimento do mundo, ou seja, tanto "os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desse experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do Outro na cidade". O "outro" desta pesquisa são as cinco entrevistadas, todas mulheres com larga lembrança de vida, de classe média, descendentes de imigrantes alemães, que fizeram o ensino médio ou superior completo e são parentes distantes entre si ou através do casamento. Três delas nasceram no início da década de 1930 e duas no início da de 1940.

De acordo com Bassanezi (2004, p. 508-509),

O Brasil dos anos 50 viveu um período de ascensão da classe média. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país assistiu otimista e esperançoso ao crescimento urbano e à industrialização sem precedentes que conduziram ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres.

Nessa época e consoante a mesma autora,

ampliaram-se aos brasileiros as possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo. As condições de vida nas cidades diminuíram muitas das distâncias entre homens e mulheres; práticas sociais do namoro à intimidade familiar também sofreram modificações" (BASSANEZI, 2004, p. 509).

É nesse contexto que estão as memórias das interlocutoras, aqui identificadas pelas iniciais dos seus nomes, mantendo a privacidade: MC, DS, WTO, CM e ER. Elas relembram alguns aspectos de sua vida na rua General Osório desde 1933 até 1970 e uma delas até a atualidade. Conforme suas histórias de vida, registradas a partir de entrevistas gravadas, foi possível conhecer histórias de vida e do mundo do trabalho, as quais foram transcritas e revisadas pelas próprias interlocutoras. Reforça-se que as escolhas dessas mulheres se justificam com base em Bosi (1979): "Por que temos que lutar pelos velhos?" A esse questionamento, responde: "Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado" (BOSI, 1979, XVIII). A seguir, apresenta-se cada uma das entrevistadas.

MC tem 89 anos na época da entrevista, é enfermeira e professora aposentada, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu pai era engenheiro e sua mãe dona de casa, é natural de Novo Hamburgo, moradora da mesma rua do estudo e, por sua vez, filha de importante empresário do ramo coureiro-calçadista. Foi educada para ser mãe e esposa.

DS tem 88 anos e trabalhou como funcionária pública federal. Com ensino médio completo, estudou também contabilidade e fez vários concursos públicos para consolidar sua



carreira. Seus pais, como os de MC, eram de classe média, sua mãe era filha de importante empresário da cidade. O pai de DS era dentista, assim como o avô, o primeiro dentista do lugar.

WTO é professora aposentada, tem 89 anos, amiga de infância de DS e de MC, de quem é prima (suas avós maternas eram irmãs). Os pais de WTO também eram de classe média, seu pai era comerciante de loja de ferragens e de importados na cidade, além de político, assim como o pai das duas amigas citadas. Sua mãe era dona de casa e fazia desenhos de bordados para enxovais de noivas.

CM tem 76 anos, é professora de artes aposentada e atualmente se dedica à pesquisa, ao ensino, ao desenvolvimento e à produção de arte aplicada com feltro. Sua mãe também morou na mesma rua do estudo e era vizinha de WTO e sua avó muito amiga da mãe de DS, como também da mãe de WTO. Sua mãe se dedicava ao lar e o pai era empresário do ramo de curtume.

ER tem 79 anos, é casada há 60 anos com um empresário do ramo coureiro-calçadista e se formou em Artes Visuais, depois que seus filhos já estavam adultos. Sua vida é dedicada ao marido, à casa, aos filhos e netos. Sempre morou no mesmo lugar, na casa onde seu marido também morou desde que nasceu. Teve muito contato com os familiares do marido, na verdade eram todos vizinhos e frequentavam a casa um do outro diariamente. O pai de CM era padrinho do marido de ER e eram parentes. Uma tia do marido de ER era também tia de de WTO e de MC.

Para o início da entrevista, buscou-se saber se as interlocutoras tinham nascido em casa, na rua objeto do estudo. Para surpresa, apesar de essas mulheres serem de uma época em que era comum o nascimento em casa, somente uma delas nasceu em casa e com ajuda de parteira, as demais, nasceram em hospital e com ajuda de médicos. MC nasceu no Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, e, assim como CM, parece ter sido uma opção de suas mães, que optaram em ter seus filhos em maternidade, com todos os recursos médicos de então. Também WTO nasceu em Porto Alegre e, de acordo com suas lembranças, que lhe foram legadas, sabe que sua mãe se deslocou um mês antes do seu nascimento para a casa de um primo de seu marido e ali ficou hospedada até que WTO nasceu. Lembrando que WTO não era a primeira filha, assim, fica-se a imaginar como ficaram os demais 4 irmãos, sem a mãe durante um mês morando em outra cidade... DS, de acordo com o relatado, nasceu na casa do médico Dr. Schincke, na mesma cidade de Novo Hamburgo, onde moravam, com o auxílio de uma parteira. ER conta que também nasceu em casa, em Hamburgo Velho e com somente 7 meses de gestação, o que causou "bastante dificuldade para se criar" (ER, abr. 2022), relembrando relato

de sua mãe, concluindo "que ficou saudável e forte, porém, ao nascer, tinha pouco mais de um quilo e precisava ser aquecida no seu berço entre cobertas de pena e garrafas com água quente!"

Lembrar do seu nascimento é algo que remete a um passado que seria impossível reviver senão através da memória repetida por suas mães ou pais e até com a ajuda dos irmãos mais velhos. Na perspectiva de Bosi (1979), seria

atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1979, p. 9).

Das cinco mulheres deste recorte, quatro delas moraram ali desde pequenas até a idade adulta, mas somente duas delas permaneceram morando na rua depois de casadas: MC e WTO. MC, ao se casar, recebeu uma casa de seu pai, que era engenheiro e construiu para si uma nova casa, no lugar onde ficava a casa de sua avó, e, assim, com o material da demolição, foi possível fazer uma casa para a filha mais velha morar. WTO casou-se em outras circunstâncias, seu marido não era do lugar, e seu pai ficara viúvo, WTO era a filha caçula, assim, foi oportuno para todos que ela permanecesse morando ali com o pai, na mesma casa onde morou a vida toda e também onde moraram seus avós antes de vender a propriedade para o seu pai. Das outras três entrevistadas, CM e DS saíram para morar com seus maridos em novos lugares, não muito distantes dessa mesma rua, e ER, conforme já anunciado, veio morar na rua por conta do matrimônio, vindo a se instalar na casa dos sogros.

Dessa forma, entende-se que as trajetórias de vida dessas mulheres são únicas e reveladoras de uma sociedade em determinado tempo e lugar. Conforme Eckert e Rocha (1998, p. 259),

uma vez que a vida urbana que aí se observa tem um estilo múltiplo e plural seja na coexistência das conotações assimétricas e ordenadas dos caracteres morfológicos e topológicos de seu dispositivo urbano seja na co-presença de formas de vida social e de suas figuras diversas das quais a Cidade compõe-se como ambiência comunitária.

Além disso, "é importante [...] perceber a relação entre emoção e expressão da emoção, através de uma linguagem mais ou menos universalizante." (VELHO, 1987, ed. 2012, p. 20). As memórias aqui reveladas dão, pois, conta, em pequena medida, dessa disparidade enquanto tempo e lugar e aproximam costumes, regras, modo de pensar, modo de ser, retratando, de alguma maneira, a sociedade das décadas memoradas. As memórias dessas mulheres revelam também valores morais, o poder feminino, a independência feminina, a importância da figura paterna, as escolhas a partir do casamento e as dificuldades enfrentadas enquanto mulheres.

## AS QUESTÕES DE IDENTIDADE E O LUGAR DAS MEMÓRIAS

Para abordar a questão dos laços familiares e sociais, faz-se necessário considerar que "a pessoa não existe de fato fora de seus quadros sociais" (DUBAR, 1998, p. 3). No contexto antropológico, o conceito de identidade tem sido pensado como "exercício da diferença, pois pressupõe sempre o olhar sobre o outro, entendendo que só é possível compreendê-lo se nos abirmos para a visão que o outro tem de si mesmo, ou seja, se exercitarmos a atitude de ouvir e perceber os outros modos de existência diferentes dos nossos" (ABREU, 2016, p. 43). Regina Abreu afirma, ainda, "que não existe memória social como única, unívoca, e guiada por um só caminho. O que existem são memórias sociais, plurais, não apenas como diferentes conteúdos de lembranças, mas também como diferentes formas de lembrar" (ABREU, 2016, p. 44).

Nessa perspectiva, ao buscar essas cinco mulheres, descendentes de imigrantes alemães, como interlocutoras, considera-se relevante apresentar um pouco de suas origens. Junto às primeiras levas de imigrantes, está Johannes Krämer<sup>5</sup>. Segundo o genealogista Stemmer (1997), Johannes casou-se, em segundas núpcias, em 1849, em Hamburgo Velho, com Juliana Rech. Esse casal deu origem a maior parte das famílias que vieram a morar na Rua General Osório, ao lado esquerdo do *Frohsinn*. De acordo com informações de Gaspar Henrique Stemmer, até a data final de sua pesquisa, publicada em 1994, havia mais de 20.400 nomes descendentes de Johannes e Juliana. Conforme Stemmer (1994), Johannes e Angela tiveram dez filhos, ele era toneleiro e curtidor e, ao chegar à colônia de imigrantes, estabeleceu-se junto com o cunhado Nicolau Becker com curtume e o exploravam quase de forma industrial, tornando-se um dos homens mais rico de Hamburgo Velho. Com o dinheiro que trouxe consigo de vendas de terras paternas na Alemanha, ele adquiriu uma gleba de terras, que corresponde atualmente aos territórios<sup>6</sup> de Sapiranga e Dois Irmãos, conhecidos como o *Kremereck* (canto dos Kremer). Além dessa gleba, ele teria recebido ou comprado terras em Hamburgo Velho, que, de acordo com Stemmer (1994, p. 60), "mais ou menos entre as ruas Piratini, Daltro Filho, General Osório e uma perpendicular a rua Piratini, passando entre a Igreja Católica de Hamburgo Velho e a Feevale, se estendendo até o meio do Morro dos Papagaios". Os filhos mais velhos de Friedrich e Joanneta Kremer receberam herança em dinheiro, os mais novos em terras. Um dos filhos de Johannes e Juliana, Friedrich Kremer, também escrito Frederico, nascido em Hamburgo Velho, em 1853, casou-se com a imigrante alemã de Heimersheim Jeanette Heineck, na rua General

---

5 Johannes ou Johann Krämer, Kremer ou Kraemer podem ser escritas referentes ao mesmo tronco familiar de acordo com Stemmer (1997). Para este trabalho, utilizam-se as três formas, na medida em que foram sendo encontradas nos relatos e de acordo com o encontrado na árvore genealógica da família: Johannes Kremer.

6 Território ou territórios, conforme Milton Santos (SANTOS, 2001; 2002), diz respeito à natureza e à ação humana, ao trabalho e à política.

Osório, ao lado esquerdo do antigo *Frohsinn*. Friedrich Kremer<sup>7</sup>, como atesta Stemmer (1997, p. 97) em sua genealogia,

tinha casa de comércio, onde é hoje a Farmácia Rost, na esquina da General Osório com Daltro Filho, em Hamburgo Velho. Foi tesoureiro do *Frohsinn* e grão-mestre da maçonaria, construindo sua sede em Novo Hamburgo. De acordo com anotações em caderneta de seu filho Waldemar, era major.

As mulheres entrevistadas da rua General Osório são descendentes desse tronco Kremer e possuem laços de parentesco e amizade. As cinco mulheres destacadas para este artigo, como já explicitado, além de se reconhecerem por laços de parentesco, têm muitas histórias para contar, de amizades, parcerias com seus maridos, de força e também uma certa submissão.

As pessoas entrevistadas, de alguma forma, expressam valores, memória e identidades de uma rua, que ficam também evidentes enquanto guardiãs da cultura teuto-brasileira de Hamburgo Velho. Importante destacar, nesse sentido, que identidade e diferença resultam de um processo de produção simbólica e discursiva; identidade, tal como a diferença, é uma relação social e necessita sempre do incluir e excluir, de modo que, quando se afirma o que se é, também se diz o que não é.

De uma forma genérica, participar de um determinado grupo (étnico, racial, de gênero), em que o indivíduo se sente acolhido ou cúmplice, nem sempre significa que todos pensem igual, porém, de alguma forma, ao fazer parte de um lugar ou recorte específico, confere-se identidade àquele grupo, ao diferenciá-lo de outro. Destaca-se, nesse sentido, mais uma vez, Velho (1987, ed. 2012. p. 47): "pertencer a uma boa família, ter boa raça ou sangue, assim como ser bom pai, filho, avô, mãe, etc, são valores que podem ser essenciais na constituição da aura social de um agente empírico."

No caso dos sujeitos deste estudo, DS, MC, WTO e CM conhecem-se desde a infância. MC e DS são amigas até hoje e frequentam a casa uma da outra com regularidade. DS e WTO eram vizinhas e amigas de infância, consideram-se ainda amigas, mas não se visitam. Todas são parentes e se reconhecem como da mesma origem familiar, tronco Kremer. As mães de MC e de WTO eram primas e muito amigas, "pois suas avós eram irmãs" (MC, out. 2021). A avó de CM era parente da avó de WTO e também da mãe de DS – CM e WTO moravam lado a lado, CM na casa da avó materna e WTO na casa dos seus pais, mesmo depois de casada. A avó do marido de ER era prima da avó de WTO e também da avó de MC e de alguma forma também parente de CM.

---

<sup>7</sup> Friedrich Kremer também era conhecido com Frederico Kremer, casado com Joanneta Heineck - foi tetraavô - sua casa ficava em frente onde moraram os bisavós maternos, os avós e depois a própria família de uma das autoras deste estudo.

Essas mulheres, ao relatarem sobre suas origens, guardam ainda esses vínculos fortes de parentesco e orgulham-se desse passado. Por isso, pode-se perceber a memória e, de acordo com Abreu (2016, p. 46-47), "como um espaço/tempo que vive das pausas, dos momentos de silêncio, lugar “entre” movimentos. [...] E, sendo pausa, lugar do “entre” o que já foi, o que está sendo e o que será, é também lugar de pensamento. Mesmo sem se visitarem, elas sabem algo uma da outra e lembram de lugares e de fatos similares ao longo das entrevistas.

De acordo com Hall (In: Silva, 2000, p. 109), "o sujeito é produzido no discurso e os indivíduos se distinguem nas procedências e características étnicas, raciais, gênero, classe social, dentre outras, mas não conseguem ter significado a não ser quando se identificam com as suas posições construídas pelo discurso". E é somente e através do discurso que os sujeitos adquirem poder e conhecimento. Woodward (2012, p.17) alerta que “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos” e, acrescenta-se, àquilo que se pode tornar. Os suportes da memória, conforme Abreu (2016), podem ser coisas, objetos, prédios e paisagens, assim como festas, modos de fazer e narrativas orais. Nisso se insere esta pesquisa etnográfica, em que se pode acessar esse campo dos patrimônios e outros desdobramentos. Nessa perspectiva, destaca-se que "O patrimônio pode ser visto como um nome que se dá aos tesouros de uma pessoa, de um grupo, de um país ou de grandes coletivos, como o que chamamos de “humanidade” (ABREU, 2016, p. 54).

## HÁBITOS E COSTUMES FAMILIARES

Eckert e Rocha (2016, p. 115) lembram que "as transformações urbanas evocam múltiplas camadas de complexidades dos tempos na cidade vivida pelos habitantes na cidade". Ainda, segundo as autoras, "são mudanças que portam rupturas em experiências geracionais e significações outras, que adicionam novos paradoxos no cotidiano narrado sobre os lugares na cidade." Tudo isso está muito presente nas narrativas dos registros realizados, que buscaram abordar aspectos relativos ao trabalho feminino, namoro, estudo e religião.

WTO, por exemplo, conta sobre o fato de sua mãe não trabalhar: "Não naquela época ali na nossa rua, eu acho que nenhuma mulher trabalhava fora! A gente tinha que .... era, era tudo... do lar, cozinhar, arrumar a casa, fazer trabalhos manuais, bordado, crochê, costura. (WTO, jul. 2021). Na época, a escolha matrimonial já não cabia mais aos pais e sim aos enamorados. Entretanto, a influência familiar, ainda que menor que nos tempos do casamento arranjado, permanecia forte e reconhecida como um cuidado que os pais deveriam ter com o futuro dos filhos. A aprovação dos pais também era considerada importante para a felicidade

conjugal: “dificilmente um casamento realizado contra a família é bem-sucedido” (BASSANEZI, 2004, 515).

Nos anos em que se casaram as entrevistadas, isto é, meados das décadas de 1950 até 1960, a religião e a ascendência ou um nome de boa família eram, em geral, indicativos para ser bem-aceito pela família dos pretendentes a casar. Apesar de as interlocutoras terem se casado com os homens que escolheram, isso não significa que tiveram liberdade total, pois, segundo a regra, em última instância, eram os homens quem as escolhiam e, com certeza, procuravam para esposa uma pessoa recatada, dócil, que não lhes trouxesse problemas – especialmente contestando o poder masculino – e que se enquadrasse perfeitamente aos padrões da boa moral. O código da moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, os vizinhos, os amigos e amigas, os educadores, os jornalistas... A moralidade defendia a boa família, ou melhor, o modelo dominante de família (BASSANEZI, 2004). Em Hamburgo Velho, não era diferente, como pode ser constatado pelo relato de WTO: "Ai, o namoro! Sim, antes do rapaz ter compromisso sério, então não podia entrar em casa ainda, né? Então o namoro não era para ser no portão, então a gente caminhava na calçada, pra lá e pra cá, (rindo novamente) com o namorado, conversando! ...e era assim!" (WTO, jul. 2021) E ela continua rindo um pouco e retomando a cena, descrevendo-a com detalhes:

Ai vinha e ia ...é, e podia frequentar a casa! Pedia pro pai, é, e daí, podia frequentar a casa, mais era tudo assim muito cerimonioso, né... não era assim entrar na casa e ir lá pros fundos ...sentava na sala que geralmente era a primeira peça da casa, e podia namorar, mas daí o pai vinha, e ficava conversando um pouco, vinha a mãe...com uma coisa pra comer...um agradozinho! (WTO, jul. 2021).

Busca-se saber se também podiam namorar à noite, algum dia específico ou em final de semana, ao que ela responde: "Ah, isso variava, era mais de noite, e fim de semana, principalmente domingo, daí em geral já almoçava em casa!" (WTO, jul. 2021).

O papel da mulher na casa sempre foi fundamental como organizadora das festas e dos encontros de família. CM lembra como eram essas festas na sua casa, as quais certamente não diferem tanto de outras daquele lugar e tempo:

Os aniversários eram assim... uma loucura ...aquilo já começava uns dois dias antes! a mesa era colocada na sala já um dia antes, E uma toalha tinha que se tirar sempre aquela dobra que tinha... a dobra!.. porque uma toalha minha mãe dizia por mais linda que ela for se tiver aparece a dobra do dobrado que vai para o armário e vai em cima da mesa: isso não é a mesma coisa! Tá! então já era então arrumada a mesa aquela coisrada toda e no aniversário do meu pai que era em outubro... novembro, novembro! Já era verão era sempre ao ar livre. Ah! tava todo mundo sentado daquele Jardim sentava todo mundo ali tomavam uma cerveja e as coisas, era tudo servido ali! (CM, jul, 2021).

Pergunto a ela se havia muitos empregados para auxiliar em tudo isso, ao que ela me responde que tinham uma que morava na casa, mas que, às segundas-feiras, havia uma senhora que lavava a roupa: "era a... Rosalina! Tá ela era negra, lavadeira e benzedeira! ... para fazer as nossas benzeduras" (CM, jul, 2021).

Sobre esse sincretismo religioso revelado por CM, se havia, era velado, pois a religião da maioria dos moradores da rua era de confissão evangélica luterana (IECLB), a primeira a se instalar na antiga colônia. Também o casamento ecumênico não era praticado, sendo necessário às mulheres, ao casar, muitas vezes contrariando as preferências da família, com um homem de outra religião, fazer uma escolha que, em geral, era se converter para a religião do marido, quando não “desistir do partido”, como relatou uma das entrevistadas:

Sim, pode sim! Inclusive eu tive um namorado católico, a minha família foi muito contra! E até, foi bem complicado! ...até que eu resolvi desistir dele, né? Porque... (riso cortado) não por causa disso, enfim, mas eu me lembro que ele disse que eu tinha que casar na igreja católica. Isso eu me lembro e eu disse: olha, eu não caso na igreja católica! [...] ...é, era bem assim, né? Hoje em dia...ninguém dá mais bola pra isso, né? Deixar de casar, por isso, né? Eu sempre levei isso tão a sério! ...que briguei com ele! digo: "*Não vou casar na igreja católica e pronto!*" (rindo um pouco) (DS, set. 2021)

Outros relatos ainda podem corroborar nesse sentido, reforçando o que afirmam Woortmann (1994) e Lynn Souza, (2004), quando definem o preconceito ou a não aceitação do outro. No entanto, a questão afasta-se quando o colonizado é o próprio colonizador, afinal, ele é quem entra no lugar, ele é quem é estranho, o colonizador alemão fixa-se e não estabelece por longo tempo a sutura com o outro.

Os itinerários também refletem a complexidade desse cenário implicado que está nas memórias e na experiência espaço-temporal dos grupos humanos das cidades contemporâneas (ECKERT & ROCHA, 1998). De acordo ainda com as autoras, “a compreensão do fenômeno de construção/destruição das cidades brasileiras” pode auxiliar e dar visibilidade ao fenômeno da cidade superexposta, que apresenta diferentes tipos de vida, visões de mundo, porém, também do desgaste, do excesso, do desaparecimento de suas referências materiais.

## **O TRABALHO E O LUGAR**

A mulher que não seguisse seus caminhos, nas décadas de 1950 e 1960, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era

tido como “o objetivo” de vida de todas as jovens solteiras. (BASSANEZI, 1979, p. 510). As jovens de Hamburgo Velho entrevistadas neste estudo, contudo, revelam uma ruptura com essa tradição. Quatro delas contaram fatos que quebram com a rigidez dos costumes da época, de modo que, em situações particulares, elas se apresentam inovadoras. DS chama a atenção por pertencer a uma família com três filhas mulheres que estavam sendo educadas: “o meu pai achava que mulher tem que aprender a tocar piano né, aprender a cozinhar, e a costurar!” (DS, set. 2021) E, de repente ela, com 16 ou 17 anos, tinha o ginásio completo e se preparava para ser uma mulher prendada quando o pai, em seu leito de morte a chama e diz, novamente com as palavras dela: “tu acha que tu teria condições de continuar o estudo, não é? Eu disse: sim pai, porque não?” E assim que ele faleceu com apenas 42 anos de idade, DS, como a filha mais velha, foi obrigada a assumir uma vida diferente do planejado, porque “a mãe não entendia nada... ela nunca tinha entrado num banco!” (DS, set. 2021). E, além de tudo, não tinham irmãos homens e dessa forma ela se obrigou a assumir:

o pai já era sócio de uma fábrica de calçado até tinha o meu nome! é... e eu fui trabalhar na fábrica para praticar. E eu tinha, como eu tinha, estava fazendo ou já tinha feito o São Jacó, o Técnico, né? (escola que tinha cursos técnicos para contabilidade) o professor Erni... foi lá um dia e me convidou para trabalhar na prefeitura, para ser a contadora da prefeitura. Ai, eu disse: *"ai professor, eu não tenho condições para um cargo assim"* - *"Não tem problema, vai aprender, vai aprender...lá!" ai eu sai da fábrica... é numa máquina IBM desse tamanho (gesto grande) eu tinha que fazer todas as folhas de pagamento! hoje em dia tem um monte de gente, mas naquela época não era tanto, né?* (DS, set. 2021).

Ela vai lembrando e, a cada fato narrado, percebe-se a relação com o corpo, com o lugar, com as cenas narradas. Bosi (1979, p. 6) afirma, quando apresenta a importância dessas cenas em sua pesquisa:

Percebo, em todos os casos, que cada imagem formada em mim está mediada pela imagem, sempre presente, do meu corpo. O sentimento difuso da própria corporeidade é constante e convive, no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social que circunda o sujeito.

Dessa forma, DS vai trazendo as imagens, com as suas lembranças tão vívidas:

Datilograva, ali naquela máquina! E, depois eu casei, lá eu trabalhei dois anos, e fui para Porto Alegre e fiquei um ano sem trabalhar! Depois a minha tia me convidou a ser secretária dela, aí eu fiz concurso pro IAPI - antigamente o INPS era o IAPI e quando eu tava naquele grupo lá, *"olha vai sair um concurso para Justiça do Trabalho em que a gente ganha muito mais e trabalha menos horas!"* (rindo) Bom, até na hora do recreio, assim eu estudava, né? E, consegui passar, mas levei dois anos mais ou menos, pra ser nomeada! Aí fui trabalhar em Tubarão! Haham, ...com as crianças pequenas, e... meu marido em Porto Alegre, ele vinha todo o fim de semana porque a esperança era eu não ficar muito tempo, como acontecia depois, para fazer a transferência... como todo mundo fazia, né? Aí depois de dois anos, mais ou menos, eu consegui a transferência para Novo Hamburgo! (DS, set. 2021).

DS quebra muitos paradigmas para uma mulher na década de 1960. Poucas foram tão longe, aventuraram-se tanto por uma carreira. Por outro lado, apesar da educação rígida e de



controle, as jovens buscavam conhecer rapazes que não eram do seu meio social e casavam por amor, porém não eram incentivadas a buscar carreira. De acordo com Bassanezi (2004, p. 510), "os pais já não poderiam ser tão rígidos e as jovens deveriam aprender a controlar-se a si mesmas, distinguir o certo do errado de forma a conservar suas virtudes e a conter sua sexualidade em limites bem estreitos: dando-se ao respeito."

WTO também se revela diferente, uma vez que se casou com um jogador de futebol e que não era de origem alemã. Mas, antes desse namoro, também buscava uma profissão. Ela lembra que não era incentivada nem apoiada, pois queria ser professora: "eu já tinha ginásio e pra mulher já chegava isso"! Mas eu sempre gostei muito de estudar, né? (WTO, jul. 2021). Assim, ela vai revivendo as lembranças e conta as mudanças ocorridas:

No meu tempo, aí começou devagarinho a mudar... porque o meu pai não quis que eu trabalhasse fora, [...] e também não quis que eu me tornasse professora, porque naquela época professora, professora, tinha que fazer o **estágio, geralmente numa outra cidade**, e daí não poderia voltar pra casa, porque era, às vezes longe o local que ela seria designada (WTO, jul. 2021).

E ela segue contando sobre a sua opção de estudar ou trabalhar e a história revelada tem até endereço:

Tirava notas boas e eu insisti bastante! Mas eu fiquei, depois que eu me formei no Ginásio e eu fiquei 4 anos em casa, e que meu pai fez eu aprender costurar, ele também me proporcionou cursos de línguas, eu aprendi inglês, um pouco de alemão, e só que ele não queria que eu trabalhasse fora! E que não queria que eu estudasse! Mas um dia eu pensei: não! eu vou conversar com meu tio! O meu tio disse: "*não, eu te garanto um emprego aqui comigo, no escritório da Esmaltados*" (Riograndense-CERSA) que ficava na General Osório, e ele era o chefe do escritório ali! "*E daí tu vais poder estudar, vais trabalhar aqui, eu te pago o colégio, em troca do trabalho que tu vais fazer aqui comigo!*" E daí eu fui me matricular, sem pedir pro meu pai! (risos) (WTO, jul. 2021).

Ela segue contando que, a partir daquele momento, precisou falar com seu pai e, mesmo com receio de ser talvez mal-entendida, contou ao pai o que tinha feito: "E, daí eu tive que contar pro meu pai! Mas antes eu me matriculei! Daí pra minha surpresa, o meu pai me abraçou e disse: "*ai filha, se era tanto o teu desejo tu podias ter te aberto comigo, podias ter contado comigo! ...Eu não quero que tu trabalhe lá, não é pra trabalhar! Mas eu vou te pagar o curso!*" E daí eu estudei! (WTO, jul. 2021)

MC conta como despertou sua vocação para enfermagem e que, ao finalizar o então ensino médio, desejava fazer faculdade. Ela lembra assim: "Bom, deixa eu te dizer uma coisa...eu sempre, eu sempre queria, assim de menina, quando eu falava assim o que vou ser, queria ser "Schwester"<sup>8</sup> para tratar e cuidar de doentes, essas coisas! E daí, mais eu queria...e

---

8 Schwester é uma palavra em alemão que significa irmã, mas também significa irmã de ordem religiosa e em geral na igreja evangélica luterana as *Schwester* eram enfermeiras.

queria estudar também, né? (MC, out. 2021). Ela conta que, no seu aniversário de 18 anos, teve uma bonita festa em sua casa e convidou também vários rapazes. Um deles, que era seu primo em segundo grau, ia se formar logo em seguida em medicina e a convidou também para a sua festa de formatura. Nesta festa, durante o jantar e de acordo com MC (out. 2021), seu primo conversou muito com ela e a convenceu:

ele disse porque tu não faz ... abriu o curso de enfermagem agora na Faculdade..., não é mais assim...técnico nem existia, só existia auxiliar de enfermagem, né? Por que tu não vem fazer? O curso era em Porto Alegre, na Universidade do Rio Grande do Sul, na UFRGS!

[...] ele conversou, conversou, assim e “sabe de uma coisa, vou fazer mesmo”! Cheguei em casa e disse pro meu pai: vou fazer enfermagem! E meu pai logo topou! Porque meu pai tinha cabeça boa, ele também era engenheiro, meu pai foi dos primeiros, só tinha, eram 3 formandos na turma dele! (MC, out. 2021).

As mulheres entrevistadas ainda revelam outras curiosidades. CM (jul. 2021) reforça o quanto insistiu com sua família para estudar em um colégio misto, em outra cidade próxima. E, depois de tanto insistir, conseguiu! Assim, revelam-se diferentes essas mulheres, que foram quebrando certos paradigmas ou quebrando certas regras que eram, de alguma forma, pouco flexíveis naquele lugar e naquele tempo vivido. Poder ouvir e registrar suas lembranças, através da etnografia de rua, permite chegar ao compartilhamento de um tempo vivido pelos interlocutores. Esse tempo, cabe considerar, tem um período curto e revela um pequeno recorte, porém, ao revelar aquilo que é particular, também revela aquilo que seria o reflexo da sociedade onde viveram esses fatos.

De acordo com Eckert e Rocha (2011, p. 109), "o ato de vivenciar a cidade carrega consigo, portanto, uma dimensão narrativa, já que resulta de uma unidade temporal que só poderá ser atingida mediante o encadeamento de estruturas espaço temporais instáveis e dinâmicas, heterogêneas e descontínuas e inúmeras vezes discordantes."

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lembranças dessas cinco mulheres representam a sociedade em que viveram e, mais do que tudo, no coletivo, elas revivem a cultura do lugar estudado. Os valores ali implicados são: a incipiente emancipação feminina, os hábitos, as vizinhanças, os laços de parentesco e os arranjos familiares para manutenção do patrimônio herdado. Isso significa dizer que os valores desse lugar estão nessas histórias de vida, conectadas à tradição, a heranças e à importância das famílias e dos laços de parentesco.

Esses dados foram enriquecidos de forma peculiar com as memórias reveladas, pois, ao ouvir as cinco mulheres, duas delas com mais de 70 anos, três com quase 90 anos de idade, foi possível lembrar histórias esquecidas que faziam parte das suas vidas e que, eventualmente,

nunca haviam sido sequer verbalizadas! Isso se revela muito rico, pois, enquanto se faziam as transcrições, percebia-se que se estabelecia um diálogo entre elas, sem que um encontro tivesse ocorrido sequer uma vez! Os diálogos percebidos estavam nos fatos relatados de forma diferente, sob outro ângulo, nas lembranças diferentes das mesmas coisas, lembranças, às vezes, bem particulares, que levaram a indagar sobre práticas sociais, costumes, religiosidade e até sobre hábitos e rotinas.

A pesquisa apontou para a existência de anseios, como valores dessa “vida boa” sendo contemplados na rua General Osório: desde a sociabilidade, à religião e à política e certamente ao desenvolvimento artístico. Os valores relacionados ao aprimoramento intelectual aparecem com alguma evidência, sendo que o estudo formal ficou dito estar em segundo plano. Porém, mesmo reconhecendo isso, essas mulheres foram à luta, por conta própria, e buscaram incentivo em seus pais - modelos a serem seguidos, já que as mães não estudaram.

Com algumas exceções, tinham sua vida prioritariamente voltada para a família depois de terem nascido seus filhos, embora tivessem profissão. Os valores constatados pelas entrevistadas, além do orgulho pelos feitos dos seus antepassados, também se fundamentam no desenvolvimento artístico, intelectual e nos laços de vizinhança e de parentesco. Tudo isso reforça a importância do método etnográfico para "ouvir" as memórias de uma rua cuja história já tem partes esquecidas e outras tantas que, mesmo reveladas, não mais lá estão.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Memória Social: itinerários poéticos-conceituais**. Revista Morpheus, Rio de Janeiro: UFRJ, 2016, p. 41- 66. In: Por que Memória Social? Revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <<http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/artigos/2016%20-%20Mem%C3%B3ria%20social.pdf>>

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos Anos dourados**. São Paulo: Contexto. 7 ed. 2004. p. 508-535. In: DEL PRIORE, (org) e BASSANEZI, Carla. (coord. textos) História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

BASSANEZI, Carla & DEL PRIORE, (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade - lembrança de Velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda. 1979.

DUBAR, Claude. **Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos**. Educação e Sociedade. vol. 19 n. 62 Campinas Apr. 1998.

ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Etnografia de rua: Estudo de Antropologia Urbana**. In: Iluminuras. Etnografias na Rua. v. 4 n. 7, 2003. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/issue/view/773>> Acesso em out. 2022.

ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica**. In: Revista de Antropologia. Vol. 41, n. 2. 1998. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. p. 107-135.

ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Etnografia de Duração nas cidades em suas consolidações temporais**. Revista de Ciências Sociais, n. 34, Abril de 2011, p. 107-126. ISSN 0104-8015 (Política e Trabalho).

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia da memória de bairros de "vocação industrial" em crise**. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016. p. 95-115. In: URIARTE, Urpi Montoya; MACIEL, Maria Eunice. **Patrimônio, cidades e memória social**. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016. 405 p.

NOVO HAMBURGO. Lei Municipal n.º 1.216/2004, que institui o Plano Diretor Urbanístico e Ambiental e dá outras providências. Disponível em:<<https://leismunicipais.com.br/a/rs/n/novo-hamburgo/lei-ordinaria/2004/121/1216/lei-ordinaria-n-1216-2004-institui-o-plano-diretor-urbanistico-ambiental-pdua-do-municipio-de-novo-hamburgo-e-da-outras-providencias>> Acesso em: ago. 2020.

SILVA, Aline Pacheco et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v. 1, n. 1, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Produ o social da Diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73 – 103.

SOUZA, Lynn M. T. M. de. **Hibridismo e tradu o cultural em Bhabha**. In: ABDALA JR., Benjamin (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 113-133.

STEMMER, Gaspar Henrique. **Genealogia Kr mer**. 1994. 438 p.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. ed 2012. 148 p.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdu o teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

WOORTMANN, Ellen. **A  rvore da Memória**: Anuário Antropológico/92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. pp. 113-131.

## ENTREVISTADAS

CM. 74 anos. Entrevista n  2 – Arte-educadora. - Ex-moradora trecho 1 - local da entrevista: sala de bordado de sua residência em Novo Hamburgo. Data da entrevista: Quarta-feira, 21 de

julho de 2021, das 16h06min às 17h37min. Momento 1: 18' 28" - Arquivo MP3 com 13,4 MB / Momento 2: 24'37"- Arquivo MP3 com 17 MB início da gravação: 16h 36'/Momento 3: 3'52"- Arquivo MP3 com 2,7 MB início da gravação: 17h33'- total arquivos Whatsapp HTML 259 KB e MP3 com 33.727 KB - transcrição final: 15 páginas.

**DS.** 87 anos. Entrevista n° 3 - Funcionária pública aposentada. Entrevistada n° 4. Ex-moradora trecho 1 - Local sala de estar de sua residência em Novo Hamburgo. Data das entrevistas: 2 de setembro de 2021, das 15h às 16h na casa da entrevistada, na Vila Nova - arquivo MP3 com 20,8 MB - tempo de gravação: 30'10". arquivo MP3 com 33.727 KB - transcrição final: 9 páginas.

**ER.** 79 anos. Entrevista n° 14 - Arte-educadora e mãe. Casada com o entrevistado PR. Local da entrevista: residência da família, no escritório, na rua General Osório. Data da entrevista: 22 de abril 2022, das 10h30min às 12h - duração 1h 9' 39" - tempo total da gravação: 1h 9'- Arquivo com 97.951 KB - transcrição final: 27 páginas.

**MC.** 88 anos. Entrevistada n° 8 - Enfermeira. Ex-moradora e relação com de parentesco no trecho 2 – local: em seu apartamento, na sala de TV, à tarde em Novo Hamburgo. Data da entrevista: 22 de outubro de 2021, das 16h27 às 17h30- duração:1h - - arquivo MP3 com 85.165 Mb -- transcrição final: 15 páginas.

**WTO.** 88 anos. Entrevista n° 1 - Professora aposentada. Ex-moradora trecho 1 - - Local das entrevistas: sala de estar em seu apartamento em Campo Bom e escritório da pesquisadora em Novo Hamburgo. Data das entrevistas: Quarta-feira, 7 de julho 2021 – transcrição 1 e 2 e Quinta-feira, 22 de julho 2021, por telefone - tempo total de gravação: não computado - Arquivos M4A com 35.692 KB e arquivo MP3 com 11.080 KB - transcrição final: 14 páginas.